



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITEÁRIA E LITERATURAS
LETRAS PORTUGUÊS LICENCIATURA

ARIADNE RODRIGUES PASSOS

O REALISMO NA POESIA CONTEMPORÂNEA DE GONZAGA NETO

Brasília, DF
2016

O REALISMO NA POESIA CONTEMPORÂNEA DE GONZAGA NETO

Ariadne Rodrigues Passos

RESUMO: Esse trabalho tem como objetivo abordar uma breve e inicial pesquisa sobre a facilidade de se chegar à literatura por meio da internet e ter a internet como suporte para a literatura através de redes sociais com poemas autorais ou de poetas renomados. Abordará também como o realismo se apresenta na poesia de Gonzaga Neto, poeta contemporâneo potiguar que ficou conhecido nas redes sociais por sua poesia efêmera e duradoura com uma representação da realidade social clara e realista.

Palavras chave: Literatura, internet, realismo, arte.

Nos dias atuais, a internet se tornou um dos maiores meios de divulgação de informação de todos os tipos e assuntos e, conseqüentemente, a divulgação da arte literária e da poesia não ficou de fora. É muito comum alguém entrar em livrarias e ver as ilhas de livros repletas de romances, livros de estudo, autoajuda, livros sobre diversos assuntos expostos por toda a livraria e em uma estante no canto da loja encontrar os livros apenas de poesia. Já nas descrições de muitos perfis em redes sociais, na legenda de uma imagem ou num blog é muito comum encontrar versos, estrofes, poemas inteiros de autores canônicos, contemporâneos ou escritos pela própria pessoa. Quando alguém quer procurar um poema de um determinado autor é raro a pessoa procurar em livros de sua biblioteca, isso se a pessoa tiver o hábito de comprar livros só de poesias. É bem mais provável que a pessoa procure no Google o nome do autor ou digite no buscador trecho do poema procurado e em segundos aparecerá nas pesquisas o poema que se procura. Poemas de autores de todo o mundo podem ser encontrados em sites, blogs, redes sociais, alcançando o conhecimento de pessoas de várias partes do mundo, de várias classes sociais. Mesmo que só em 2015 56% da população do Brasil passou a ter acesso à internet, o número de internautas de banda larga móvel é grande atingindo 88,6%. Assim, mesmo não sendo de acesso a todos, nos deparamos com um novo suporte literário, o ciberespaço. Vale ressaltar que ciberespaço é um local de comunicação o qual a presença física do homem não é necessária para que haja a comunicação. As pessoas se comunicam entre si, mas não há a interação física. A literatura é lida, é compartilhada no ciberespaço, há discussões sobre determinados assuntos sem a necessidade do encontro pessoal com aqueles que estão discutindo determinados assuntos.

Além de ser um meio o qual a poesia alcança milhares de pessoas, a internet também permite que o leitor de autores renomados também escreva os seus próprios poemas e os

divulgue. Em 2010, o site da Secretaria de Educação do Paraná publicou uma entrevista com alguns autores e a importância da internet em seus trabalhos. Daniela Ramos, jornalista e professora de novas tecnologias de comunicação, diz que “(...) a internet ajuda a divulgar a poesia não somente de quem quer escrever, mas de quem precisa escrever” (RAMOS, 2010, p. 01). Por ser um suporte o qual não é necessário um editor para a avaliação de textos e a publicação é feita sem impedimento, páginas, blogs, perfis de poesias autorais vem surgindo cada vez mais e a relação que antes não havia entre autor e leitor aumenta. Nessa mesma entrevista do site da Secretaria de Educação do Paraná, Virna Teixeira, autoras dos livros de poesia *Visita e Distância*, publicados pela editora 7 Letras, afirma que:

“Os blogs e revistas literárias eletrônicas têm revelado um número muito maior de leitores do que se imaginava existir. A possibilidade de interação direta com o leitor e com outros poetas (como, por exemplo, nos blogs) é maior, facilitando o diálogo e uma permeabilidade de contato, embora a discussão ainda seja escassa.” (TEIXEIRA, 2010, p. 02).

Antes da internet e do acesso a redes sociais de comunicação rápida com o interlocutor, o contato com os poetas era feito através de cartas, o que demorava muito tempo para se obter a resposta da carta enviada. Hoje, a interação com o autor é feita de forma imediata, de forma facilitada, podendo haver amplas discussões sobre a poesia retratada. O acesso ao poeta que publica sua poesia no ciberespaço se tornou fácil e imediato.

Na XI Semana de Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2011, Ana Cláudia Munari fez uma fala intitulada *Literatura e internet*. Ana Cláudia afirma que “(...) falar da escrita literária no ciberespaço é falar de outras artes, outras linguagens, outros gêneros, que para aí convergem. É falar de hipermídia, que é, ao mesmo tempo, a mídia e a linguagem da internet” (MUNARI, 2011, p. 04). Para ela, literatura e ciberespaço têm outros tipos de relações, que são eles:

“da literatura que ‘está na’ internet (...), da literatura que ‘sofre influência da’ internet (ou sofre influência desses tempos de internet, como a literatura da modernidade sofreu da máquina a vapor) e da literatura que ‘se constrói a partir’ da internet, quando a rede não é só um suporte, mas uma ferramenta de criação”. (MUNARI, 2011, p. 04).

A literatura que “está na” internet é aquela que independe dela para ser criada, tendo-a apenas como suporte. A poesia que “sofre influência da” internet é aquela que necessita da

internet para se afirmar como poesia e a literatura que “se constrói a partir” da internet é aquela a qual sua forma de produção se constitui na internet, sua fonte de criação é a internet.

Levando em conta essas características da poesia no ciberespaço, a poesia que “está” na internet, da poesia que sofre influência da internet através do contato do autor com o leitor e da crescente quantidade de páginas em redes sociais e blogs com poesias autorais de escritores contemporâneos, um dos poetas que tem chamado atenção de leitores de poesia no ciberespaço é o Gonzaga Neto, autor do Rio Grande do Norte, dono da página em redes sociais *Amorragia* e que também publica seus textos no site *Recanto das Letras*, site que mantém os direitos autorais dos escritores que publicam seus textos. O autor começou seu caminho na escrita publicamente em 2013 com a criação da página nas redes sociais Facebook e Instagram e publicando no site. É redator publicitário, tem vinte e poucos anos, fundador do coletivo poético Dirocha! e participa de outros grupos ligados à arte, *Filhos da Arte* e *Emenda Cultural*, na cidade de Natal que é onde mora e tem um livro publicado pela editora Jovens Escribas chamado *Hipérbole*. Utilizando versos livres, linguagem falada e sem letras maiúsculas depois de pontuação, a poesia de Gonzaga Neto aborda fatos do cotidiano, seja um término de namoro ou a situação corriqueira do dia a dia ou uma relação sexual de um casal apaixonado ou um sexo casual, de forma efêmera e duradoura que chama a atenção do leitor permitindo-lhe a identificação com a essência do poema. No prefácio de seu livro, sua poesia é descrita como aquela que captura os instantes em movimento, a poesia que aborda o subjetivo e o social, a sociedade da cidade de Natal e a individualidade do eu lírico que acaba se tornando a individualidade de muitos que leem o poema e se identificam com ele. Usa as palavras com maestria e a quebra de versos perfeitamente, tornando todo o poema em sintonia e harmonia desde a primeira palavra do primeiro verso à última palavra de todo o poema. Com características da poesia leminskiana e bukowskiana o poeta conquista cada vez mais leitores e influencia a escrita de outros escritores. Sua poesia é uma poesia que está na internet. Ela não sofre influência e nem se constrói a partir desse meio e por ser uma literatura que está na internet publicamente a interação do leitor e do autor se dá de forma atrativa e bastante acessível.

Outra característica da poesia de Gonzaga Neto é o realismo em alguns de seus poemas. Uma tarefa um tanto complicada nos dias de hoje é encontrar e reconhecer poemas realistas contemporâneos e caracterizar o realismo nos dias atuais. Em termos gerais, para György Lukács, um dos grandes e mais influentes críticos literários do século XX, o grande realismo se caracteriza na poesia que consegue captar a realidade como ela é, como a vida é

constituída, não sendo uma fotografia e nem um reflexo imediato. É a poesia que capta a essência e a aparência da realidade, mas é uma essência e uma aparência não reificadas. É o singular e o universal, o alcance das forças motrizes da sociedade que a leva a se transformar, suas contradições profundas expressas na superfície da vida, é a literatura que exprime o que não é visto a olhos nus no dia a dia na sociedade, vai mais além. Reflete aquilo que só o artista, só a arte consegue revelar. É uma arte desfetichizadora, uma arte que através dela o homem consegue entender a realidade e ter sua própria consciência de mundo e de sociedade. Para Lukacs, a forma como o escritor produz independe se a obra consegue apresentar a realidade tal como ela é constituída. O que importa é se a obra consegue expressar a totalidade objetiva da realidade. A repercussão do artista realista depende do qual realista é o “fenômeno” que ele representa, se não é pura imitação ou se é a realidade como ela é. Os temas comuns da realidade, temas banais do cotidiano passam a ser tema da grande arte, o que não era arte agora o é. É expressar o movimento da vida, expressar a realidade cotidiana na arte, transformá-la em arte.

Para afirmar a presença do realismo na poesia do Gonzaga Neto, dois poemas foram analisados. O primeiro deles:

emaranhado num jornal da semana passada
que fala sobre a crise no brasil
o homem que dorme na calçada
do maior shopping de natal
não percebe o olhar turvo
da moça do carro cinza
que chora desesperadamente
ao lembrar da filha
que deixou na clínica clandestina
a recepcionista
sentia-se culpada toda vez que alguém saia daquele jeito
com seu salário abaixo do mínimo
resmungava para o filho mais velho
ao fim da noite
"só fico lá até encontrar coisa melhor"
ele não prestara atenção
apenas comia a sopa de feijão com torrada
pensando que amanhã
talvez nem estivesse ali
estava devendo dois mil e quinhentos a um tal de perna
traficante meia boca
que vive de assaltos baratos a ônibus urbanos com destino ao vale dourado
bairro em que mora um tal poeta inútil
branco
hétero
de classe média
que escreve coisas fúteis

enquanto sua única preocupação é sofrer pelo amor
que o deixou semana passada
(Recanto das Letras)

No poema não há pontuação, letras maiúsculas e os versos são corridos. Por não haver pontuação, a sensação que se tem ao ler o poema é que tudo está interligado, um ciclo contínuo que começa no jornal enrolado ao homem dormindo na calçada, vai até o poeta e retorna ao jornal. Começa no meio urbano, no coletivo em frente ao shopping e vai para dentro da casa do poeta, na sua particularidade de estar sofrendo por amor. São usadas imagens rápidas do que incomoda a sociedade que mesmo sendo citadas rapidamente continuam a incomodar de alguma forma o leitor.

O sujeito poético é prosaico e há um objeto e um sujeito contidos no poema. Há um poeta que fala e há um poeta que é representado. Ambos não são as mesmas pessoas, mas o que os caracterizam é a função de poeta. O poeta objeto não liga para o que está acontecendo ao seu redor, se preocupa apenas com seus problemas pessoais, suas dores enquanto o poeta sujeito é aquele que escreve o que está acontecendo ao seu redor, é o sujeito poético em seu papel de poeta expondo a sociedade ao seu redor, mostrando para o leitor, para o poeta objetivado como a sociedade é constituída, representando-a com suas ambiguidades e de forma realista.

O começa o poema com os versos “emaranhado num jornal da semana passada/ que fala sobre a crise no brasil/ o homem que dorme na calçada” os fatos do cotidiano não estão contidos no jornal, estão contidos no poema, os mendigos que ninguém repara dormindo nas calçadas dos shoppings, as mulheres que abortam e as que se envergonham por trabalhar em clínicas clandestinas, aqueles que devem para traficantes que assaltam ônibus todos os dias, e esse mesmo jornal o qual não está contido os acontecimentos da sociedade é o que o mendigo usa para se emaranhar do frio. Há então a reificação do homem. O homem não é reconhecido como homem, não é reparado pela sociedade. Ele não lê o jornal, se emaranha com ele e assim como o resto da sociedade, o homem não percebe a moça no carro. Ele está em frente a um shopping, numa situação desumana dormindo na calçada, é vítima, resultado da desigualdade social do país atingido por uma crise e ninguém o percebe e ele não percebe ninguém. O homem já não é mais homem. É a representação do que Karl Marx diz em *Manuscritos econômicos filosóficos*, “Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens” (MARX, 2004, p. 80, grifos do autor). O homem é desvalorizado como pessoa e por não produzir no sistema capitalista é esquecido e não lhe atribuem nenhum valor. As coisas, os bens adquiridos são mais valorizados que as pessoas. Há uma grande circulação de pessoas no maior shopping de Natal

e ninguém o repara e ele não repara ninguém. A descrição para alienação no *Dicionário do pensamento marxista*, de Tom Bottomore, é:

“ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados [1] aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou [2] à natureza na qual vivem, e/ou [3] a outros seres humanos, e – além de, e através de, [1], [2] e [3] – também [4] a si mesmos (às suas possibilidades humanas constituídas historicamente).” (BOTTOMORE, 2013, p. 18).

O trabalho da mulher na clínica de aborto clandestina não é algo o qual ela se enxerga, que ela se vê, mas é algo discriminado, com salário abaixo do mínimo esperando que apareça alguma coisa melhor. Não há reconhecimento naquilo que se faz, não há dignidade. A necessidade de se manter e manter a família, de ter uma renda, mesmo que seja abaixo do mínimo, a leva a se submeter à culpa e à vergonha para ter o que comer. A mulher está alienada quanto ao seu próprio trabalho. A descrição [1] é a definição dessa alienação, mas ela também está alienada dela mesma.

Outra característica realista no poema é o universal e o particular. Tudo acontece ao redor do poeta, mas ele só está preocupado em sofrer pelo amor que o deixou. Na sociedade de hoje as pessoas só estão preocupadas com elas mesmas, com seus problemas, não olham ao redor ou enxergam o outro. Tudo se torna um ciclo, no primeiro e último verso está escrito “semana passada”. Sempre haverá um jornal da semana passada, sempre haverá um amor ao qual sofrer e sempre haverá o mendigo, o aborto, o traficantes e pessoas devendo a eles. Até mesmo a forma sem pontuação do poema causa essa sensação de continuidade, de um ciclo, de algo que ainda vai se perdurar. É o percurso da sociedade. De acordo com Lukács em *Introdução aos escritos estéticos de Marxs e Engel* “a verdadeira arte, portanto, fornece sempre um quadro de conjunto da vida humana, representando-a no seu movimento, na sua evolução e desenvolvimento” (MARX; ENGELS, 2010, p. 26). Pode-se dizer que a poesia de Gonzaga Neto é a verdadeira arte, pois representa a sociedade brasileira como ela é tendo sua evolução e seu desenvolvimento com a ampliação da consciência de mundo e de sociedade do leito.

O singular está na identificação do leitor com o poeta, estar alheio à sociedade, ao que acontece ao redor e só se importar consigo mesmo. Desvalorizar o mendigo nas ruas, discriminar a mulher que aborta, tendo ela suas próprias razões para fazê-lo, fechar os olhos

para os assaltantes de ônibus. A sociedade está alheia aos outros seres humanos e a si mesma, a sociedade em si está alienada.

O outro poema analisado é:

as portas automáticas de vidro se abrem
e os meninos esguios correm para dentro do mc donald's
enquanto um observa a movimentação esquizofrênica dos seguranças
o outro percorre as mesas das famílias de bem
que logo serram o cenho em negatividade aos pés descalços
"tia, me compra um sorvete?"
e as mãos que comprimem a bolsa
com medo de que aquele garoto de cabelos artificialmente louros
roube-lhe o cartão c&a e a fatura atrasada do hipercard
são as mesmas que dizem não
"vamo nessa que os homi tão vindo"
diz o aspirante de tocaia
e em milésimos de segundos
driblam três seguranças de 1 metro e 80
e a moça da limpeza que os xinga mais alto do que deveria
na rua
perambulam de um lado para o outro da pista
debochando da mulher que mais parecia um guiné acima do peso
e se escondendo atrás da parada
do carro da pm que passa o sinal vermelho em alta velocidade
quando de sobressalto
o mais novo exclama ao sentar na borda da lixeira pública
"booooooe, é nosso dia de sorte!
alguém não gostou da verdura desse sanduíche e deixou aqui no lixo pra gente"
"boto fé"
e sentados no meio fio
dividindo meio bigmac
observam o sinal abrir e fechar
abrir e fechar
até o sono bater
a
t é
o
s o n
o
b a
t e
r
"acho bom procurarmos um papelão"
(Recanto das Letras)

Assim como no outro poema, o sujeito poético observa os fatos acontecerem no local e os narra. Cenas como essa são cotidianas e acontecem diariamente em todos os cantos do país.

O poema é constituído por uma estrofe só de narrativa e as palavras são utilizadas de forma realista e natural. Através da linguagem do cotidiano, o poeta aproxima um pouco o leitor dos meninos de rua e de seu mundo nas ruas e nos nonos últimos versos, com a oração “até o sono bater” em fragmentos, causa uma sensação de sonolência no leitor, como se o sono fosse um refúgio àquele mundo e o papel o único abrigo que há.

Em outro texto, *Trata-se de realismo*, Lukács diz que “A práxis literária de qualquer verdadeiro realista mostra a importância das conexões objetivas conjunta do contexto social, assim como a ‘ exigência de onilateralidade’ necessária para a sua apreensão” (MACHADO, 2016, p. 201) No poema, Gonzaga Neto apresenta pessoas de classes sociais diferentes: os meninos moradores de rua, e os clientes no fastfood e os seguranças e a moça da limpeza. Todos eles são semelhantes. Os meninos que entram na loja pedindo sorvete não são diferentes das pessoas que têm medo de que roubem seus cartões de créditos com faturas atrasadas e nem da moça da limpeza que os fala mal. Essa é a onilateralidade da vida, da sociedade. Todos são parecidos e estão interligados, mas também são diferentes. O medo pelos meninos que invadem a loja é o medo que as pessoas têm de se igualarem a eles, mas já sendo iguais. A classe média busca ter um padrão de vida alto, quando na verdade não consegue manter esse padrão. O medo da pobreza já é o reconhecimento de sua própria pobreza. A mulher que os xinga, xinga na verdade a condição social a qual ela não quer pertencer, mas de alguma forma já lhe é semelhante. Ambos compartilham do desejo de progresso e ascensão de classe social.

Uma contradição encontrada no poema é o que seria a “família de bem”. As famílias que negam uma refeição para os meninos pobres, mas que têm fatura de cartão atrasada são as famílias de bem. Uma ironia para a classificação do verdadeiro significado de famílias de bem. A sociedade hoje tende a discriminar o que foge do padrão que se diz ser o certo, a família “tradicional brasileira”. Pai, mãe e filhos. Esse é o padrão, o significado adotado pela sociedade para significar família de bem. O que foge disso é estranho, é anormal e há uma supervalorização da classe social dessas famílias. Os pobres não se enquadram nessa designação, não há espaço para as famílias que vivem na rua, para mães solteiras que passam o dia todo fora de casa trabalhando para o sustento da família ou pais que passam o dia trabalhando fora. É isso que a sociedade reflete hoje, uma sociedade preconceituosa que discrimina no outro aquilo que há em si mesmo.

A essência e a aparência da sociedade são expostas no poema, as classes sociais representadas com suas semelhanças e diferenças envoltas de conceitos prejudgados. Essência

e aparência são o que compõe a sociedade, é aquilo que as pessoas vêem no dia-a-dia e aquilo que é sutil, não sendo visto facilmente. A aparência representa os meninos de rua, os trabalhadores do *fastfood*, que muitas vezes são mal remunerados, os clientes que mesmo com faturas atrasadas de cartões de crédito preferem comer fora e a essência é o que está contido no poema que o leitor não consegue ver a olho nu. É a semelhança dos meninos com as mulheres que seguram a bolsa, é o medo de uma instituição que deveria proporcionar segurança à população, é a reificação dos meninos em não terem o que comer e nem onde dormir, é o conceito de “família de bem” quando essas próprias famílias são as que julgam, que excluem e que condenam. A essência e a aparência da sociedade brasileira são expostas harmoniosamente causando um desconforto no leitor e o seu conhecimento da vida como ela é. O poeta expôs a superfície da vida, da sociedade, transparecendo sua essência de forma a ser percebida subjetivamente. Gonzaga Neto conseguiu no poema expressar o que Lukács diz a respeito de essência e aparência:

“É essa a *dialética artística* da *essência* e da *aparência*. Quanto mais variada e rica, intrincada e ‘astuta’ ela for, quanto mais intensamente ela abrange a contradição viva da vida, a unidade viva da contradição de riqueza e unidade das determinações sociais, tanto maior e mais profundo será o realismo.” (MACHADO, 2016, p. 208, grifo do autor).

Há um profundo realismo no poema. Sua contradição não está apenas na semelhança dos clientes e dos funcionários do restaurante com os meninos, mas também está no ato de se esconder ao ver um carro da polícia. O medo ou indiferença daquilo que seria para proteger os cidadãos, a falta de segurança diante de uma figura que era para lhe transmitir segurança. A crise no Brasil citada no poema pode também ser enquadrada numa crise de segurança. As instituições que deveriam proteger a população discriminam e perseguem os da baixa classe social. Para Lukács, um escritor realista “(...) sabe como as vivências e as sensações são parte de um complexo conjunto da realidade.” (MACHADO, 2016, pg. 204). Gonzaga Neto conseguiu captar a realidade de meninos de rua, não só a discriminação que eles sofrem ou a reação contrária à sensação de segurança ao verem o carro da polícia, ele conseguiu captar, mais uma vez a reificação do homem. Assim como o homem do primeiro poema que não é reconhecido como homem e perde sua característica, sua dignidade de ser humano, os meninos ao comerem comida do lixo e procurarem papelão para dormir também perdem sua dignidade, se tornam reificados. Eles estão alheios à vida ao observarem o sinal de trânsito abrir e fechar até que venha o sono. Não são reconhecidos e tratados como pessoa por

ninguém. Eles são vítimas de um sistema desigual e cruel o qual uma classe discrimina a outra sem perceber suas semelhanças.

Em *introdução aos escritos estéticos de Marxs e Engel*, Lukács afirma mais uma vez que:

“A verdadeira arte, portanto, sempre se aprofunda na busca daqueles momentos mais essenciais que se acham ocultos sob a superfície dos fenômenos, mas não representa esses momentos essenciais de maneira abstrata, ou seja, suprimindo os fenômenos ou contrapondo-os à essência; ao contrário, ela apreende exatamente aquele processo dialético vital pelo qual a essência se transforma em fenômeno, se revela no fenômeno, mas figurando ao mesmo tempo o momento no qual o fenômeno manifesta, na sua mobilidade, a sua própria essência.” (MARX; ENGEL, 2010, p. 26).

É isso o que Gonzaga Neto fez em seus poemas, tornou visíveis os momentos ocultos da sociedade. A essência da vida é relatada na arte e não no jornal, o jornal não é lido, ele perde sua função de informar, atribuindo isso à arte. A sociedade ignorada, os acontecimentos que todos negam sua existência, mas que mesmo assim existem são expostos nestes dois poemas. Os poemas informam o que constitui a realidade. “A essência e o valor estético das obras literárias, bem como a influência exercida por elas, constituem parte daquele processo social geral e unitário através do qual o homem se apropria do mundo através de sua consciência” (MARX; ENGEL, 2010, pg. 13). Ao ler os poemas, o leitor toma consciência de mundo, lembra e reconhece aquilo que não quer ver. Toma consciência do mendigo, das mulheres que abortam todos os dias, dos traficantes e assaltantes de ônibus, dos meninos de rua e não só toma consciência dessas pessoas, mas de si mesmo como ser humano. O leitor se vê no poeta inútil, alheio as coisas ao seu redor e se vê nos clientes do *fastfood*. A humanidade do homem é despertada através da arte e a vida é desfetichizada. É o que Lukács diz em *Sociología de la Literatura*, “[...] toda boa arte e toda boa literatura também é humanista na medida em que não apenas estuda apaixonadamente o homem, a verdadeira essência de sua constituição humana, mas também que, ao mesmo tempo, defende apaixonadamente a integridade humana do homem” (LUKÁCS, 1989, p. 213).

Começando com a internet como suporte literário de uma forma breve e como autores bons vêm surgindo nesse suporte, como foi o caso do Gonzaga Neto, esse trabalho serviu para mostrar como estão surgindo bons escritores que usam a internet como plataforma para publicar seus textos e como o realismo pode estar contido nesses textos. Gonzaga Neto transmite a vida de forma realista em seus poemas, sua essência e aparência, suas dicotomias

e também a reafirma. Ele tem a sensibilidade de transmitir a vida e levar o leitor à epifania lendo seus poemas. Através de sua arte, o leitor se volta para a vida como ela é, se enxerga nela e passa a ter consciência do que não é visto na superfície da sociedade. Sua poesia mesmo sendo simples é rica de vida e de informação. A arte é desfetichizadora e através de Gonzaga Neto ela cumpre seu papel.

Referências

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista editado por Tom Bottomore*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

LUKÁCS, György. *Sociología de la Literatura*. 4. ed. Barcelona: Grijalbo, 1989

MACHADO, Carlos Eduardo Jordão. *Um capítulo da história da modernidade estética: debate sobre expressionismo*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2016.

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos filosóficos*. Tradução, apresentação e nota de Jesus Ranieri. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____; ENGELS, Friedrich. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos / Karl Marx e Friedrich Engels*. Tradução de José Paulo Netto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MUNARI, Ana Cláudia. *Literatura e internet*. In: Revistas da PUCRS. XI Semana de Letras FALE/PUCRS. Literatura fora de foco, 2011.

<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/XISemanaDeLetras/pdf/anamunari.pdf>

NETO, Gonzaga. *Recanto das Letras*

<http://www.recantodasletras.com.br/poesiasbucolicas/5536000>

NETO, Gonzaga. *Recanto das Letras*

<http://www.recantodasletras.com.br/poesias/5761746>

ONUBR CEPAL: *Internet avança na América Latina, mas desigualdade permanece*
<https://nacoesunidas.org/cepal-internet-avanca-na-america-latina-mas-desigualdade-permanece/>

RAMOS, Daniela. *Secretaria de Educação do Paraná*
<http://www.portugues.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=424>

TEIXEIRA, Virna. *Secretaria de Educação do Paraná*
<http://www.portugues.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=424>